

VARIABILIDADE DOS NÍVEIS DE ANSIEDADE PRÉ-COMPETITIVA AO LONGO DE UMA COMPETIÇÃO: ESTUDO DE CASO COM O BASQUETEBOL

Bruna Alves Santana¹ Sthefannie Postal Dorneles² Bruna Maria Genuíno Sousa³ Douglas Versuti Arantes Alvarenga⁴
Rosana Lopes da Silva Garcia⁵ Ivan Wallan Tertuliano⁶

Resumo: O presente manuscrito teve o objetivo de avaliar a variabilidade dos níveis de ansiedade pré-competitiva de atletas de Basquetebol ao longo de uma competição, utilizando-se de um estudo de caso. Para isso, acompanhou-se uma pequena amostra de um clube, que foi escolhida por conveniência. O estudo foi composto por 27 atletas de Basquetebol das categorias de base do clube, com idade entre 13 e 15 anos ($M = 14,00$, $DP \pm 0,733$) e todos do sexo masculino, pertencentes a duas categorias da base: sub-15 e sub-14, que eram treinados pela mesma comissão técnica. Os atletas participaram do estudo de forma voluntária. Os participantes preencheram o termo de assentimento, pois todos eram menores de idade, e seus responsáveis preencheram o termo de consentimento livre e esclarecido. Após essa etapa, todos os atletas responderam ao CSAI-2r, o qual foi respondido em seis jogos ao longo do campeonato, sendo o primeiro jogo a estreia das equipes e o sexto jogo a final da competição. No presente estudo, como não houve normalidade dos dados, utilizou-se de testes não paramétricos para análises dos resultados. Os resultados demonstraram que não houve diferenças entre as equipes, para nenhuma variável e jogo avaliado ($p > 0,05$). Os atletas investigados apresentaram, durante toda a competição, elevados níveis de autoconfiança e baixos níveis de ansiedade (somática e cognitiva) ($p < 0,05$ em todos os jogos). Além disso, no decorrer da competição os atletas conseguiram, diminuir os níveis de ansiedade somática ($p < 0,05$). Por fim, pode-se concluir que os atletas investigados não apresentaram elevados níveis de ansiedade, pois a autoconfiança foi significativamente ($p < 0,05$) superior, e apresentaram variabilidade apenas para ansiedade somática ($p < 0,05$) ao longo da competição (diminuição dos escores), haja vista que a ansiedade cognitiva e a autoconfiança não apresentaram variabilidade ao longo da competição ($p > 0,05$).

Palavras-chave: ansiedade; psicologia do esporte; basquetebol; ansiedade pré-competitiva

Afiliação

¹ Centro Universitário Adventista de São Paulo; ² Centro Universitário Adventista de São Paulo; ³ Centro Universitário Adventista de São Paulo; ⁴ Centro Universitário Adventista de São Paulo; ⁵ Centro Universitário Ítalo Brasileiro; ⁶ Universidade Anhembi Morumbi

VARIABILITY OF PRE-COMPETITIVE ANXIETY LEVELS DURING A COMPETITION: A CASE STUDY WITH BASKETBALL

Abstract: The present manuscript aimed to assess the variability of the pre-competitive anxiety levels of Basketball athletes throughout a competition, using a case study. For this, a small sample of a club was followed, which was chosen for convenience. The study consisted of 27 basketball athletes from the club's grassroots categories, aged between 13 and 15 years ($M = 14,00$, $DP \pm 0,733$) old and all male, belonging to two categories of the base: sub-15 and sub-14, who were trained by the same technical committee. The athletes participated in the study voluntarily. The participants filled out the consent form, since all were minors, and their guardians filled out the free and informed consent form. After this stage, all athletes responded to CSAI-2r, which was answered in six games throughout the championship, the first game being the teams' debut and the sixth game the final of the competition. In the present study, as there was no normality of the data, non-parametric tests were used to analyze the results. The results showed that there were no differences between the teams, for any variable the game evaluated ($p > 0,05$). The investigated athletes presented, throughout the competition, high levels of self-confidence and low levels of anxiety (somatic and cognitive) ($p < 0,05$ in all games). In addition, during the competition, the athletes were able to reduce the levels of somatic anxiety ($p < 0,05$). Finally, it can be concluded that the investigated athletes did not show high levels of anxiety, as their self-confidence was significantly ($p < 0,05$) higher, and showed variability only for somatic anxiety ($p < 0,05$) throughout the competition (decreased scores), given that cognitive anxiety and self-confidence did not show variability throughout the competition ($p > 0,05$).

Key words: anxiety; sport psychology; basketball; pre-competitive anxiety

Introdução

A Ansiedade é um estado emocional frequentemente vivenciado no meio esportivo, podendo ser compreendida não apenas como um fator negativo que prejudica o desempenho¹, mas também como um fator emocional positivo que auxilia no rendimento². Dessa forma, a ansiedade pode auxiliar o atleta a dedicar-se mais ao treinamento e ter um maior foco de atenção nas ações durante o jogo³. Além disso, a ansiedade tem relação com a forma que o indivíduo responde as situações estressantes do meio esportivo, ou como este se coloca a pensar nessas situações^{1,3,4}.

Como forma de classificação, a ansiedade tem sido classificada em ansiedade-traço ou ansiedade-estado⁵⁻⁸. A ansiedade-traço é definida como um estado emocional mais durável e com menos variabilidade⁶, tendo relação com a personalidade da pessoa⁹. Por outro lado, a ansiedade-estado é definida como um estado emocional passageiro, que é apresentada em função de acontecimentos determinados e pontuais, sendo mais variável, apresentando menor duração, com direta relação com os estímulos externos^{6,8}.

Além da classificação supracitada, e assumindo a multidimensionalidade da ansiedade^{8,10}, a ansiedade pode ser dividida em ansiedade cognitiva e ansiedade somática^{4,10,11}. Ansiedade cognitiva está relacionada a fatores internos, como os pensamentos do atleta referente ao desempenho em uma competição⁴, enquanto que ansiedade somática está relacionada a fatores externos (físicos), como aumento da frequência cardíaca¹².

Como instrumento de avaliação da ansiedade, pode-se citar o CSAI-2 (*Competitive State Anxiety Inventory-2*)⁸ e o CSAI-2r (*Competitive State Anxiety Inventory – 2r, reduced version*)¹¹. Esses instrumentos avaliam a ansiedade-estado pré-competitiva (momentos antes do atleta competir), em três dimensões, a dimensão intensidade, a dimensão direção e a dimensão frequência. A dimensão intensidade refere-se aos níveis de ansiedade (fatores somáticos e cognitivos)¹³ no momento em que o atleta responde o questionário. A dimensão direção leva em conta a interpretação dos atletas sobre a intensidade da ansiedade ser negativa ou positiva, em relação ao desempenho¹⁴. Por último, a dimensão frequência apresenta valores referentes a quantidade de tempo que o atleta se dedica aos sintomas (fatores cognitivos e somáticos) da ansiedade, referentes a competição¹⁵.

Com o intuito de avaliar os níveis de ansiedade pré-competitiva no contexto esportivo, vários estudos foram conduzidos^{4,10,12,13,16,21-33}. Referente aos estudos apontados, apenas três investigaram os níveis de ansiedade em atletas de Basquetebol^{10,23,29}, ou seja, três trabalhos não são suficientes para conclusões sobre os níveis de ansiedade no Basquetebol, demonstrando a necessidade de mais estudos junto a essa modalidade. Essa afirmação é sustentada pela

literatura, a qual aponta que os fatores da competição, e da modalidade esportiva, podem influenciar os níveis de ansiedade dos atletas^{10,33,34}.

Considerando a modalidade esportiva, cita-se as especificidades do Basquetebol. Enquanto especificidade, um dos fatores que poderia ocasionar tal influência, por exemplo, refere-se a regra dos 24 segundos. Diferentemente de outras modalidades esportivas, no Basquetebol a equipe deve concluir uma jogada de ataque em um tempo pré-determinado (24 segundos) e, essa variável, poderia influenciar os níveis de ansiedade dos atletas. Por fim, assumindo os fatores da competição, a literatura sugere que os níveis de ansiedade (cognitiva e/ou somática), quando elevados, podem influenciar negativamente a performance do atleta^{10,12,16,34,35}. Somado a isso, a literatura cita que os níveis de ansiedade se alteram durante uma competição^{8,11,20,21,36}.

Todavia, existem poucos estudos que avaliaram a variabilidade dos níveis de ansiedade durante a competição^{10,20}, e apenas um estudo acompanhou atletas de Basquetebol¹⁰, o que não permite assumir essa afirmação como recorrente a todas as modalidades esportivas, nem conclusiva para o Basquetebol. Dessa forma, a questão norteadora do estudo foi: Os níveis de ansiedade pré-competitiva de atletas de Basquetebol, ao longo de um campeonato, apresentam variabilidade? Diante do exposto, o presente estudo teve o objetivo de avaliar a variabilidade dos níveis de ansiedade pré-competitiva de atletas de Basquetebol ao longo de uma competição, utilizando-se de um estudo de caso, avaliando os atletas das categorias de base de um clube.

Materiais e Métodos

Participantes

Essa pesquisa é um estudo de caso, acompanhando uma pequena amostra de um clube, que foi escolhida por conveniência e, por isso, optou-se por atletas de base. A literatura cita que um estudo de caso tem o objetivo de compreender melhor um participante, ou um conjunto pequeno de praticantes, organizando informações sobre ele(s)³⁷.

Em um estudo de caso, pode-se compreender a relação do(s) participante(s) com o(s) fenômeno(s) investigado(s), sem a preocupação de generalização dos resultados, mas o estudo tem maior preocupação em compreender, de forma detalhada, a relação entre o(s) fenômeno(s) investigado(s) e a amostra avaliada³⁸. Para isso, adotou-se alguns critérios na formação da amostra, como a utilização de atletas de um mesmo clube, a utilização de atletas somente de Basquetebol, a utilização de atletas do mesmo sexo, que eram treinados pela mesma comissão técnica.

Com base nos critérios apontados, o estudo foi composto por 27 atletas de Basquetebol das categorias de base do clube, que participaram de forma voluntária, com idade entre 13 e 15 anos ($M = 14,00$, $DP \pm 0,733$) e todos do sexo masculino. No que se refere a divisão dos atletas, para contemplar o critério “treinados pela mesma comissão técnica”, participaram do estudo doze atletas da categoria sub-15 e quinze atletas da categoria sub-14.

Dos participantes, 52% eram atletas que fazem parte das equipes do clube a mais de um ano e 48% dos atletas iniciaram as atividades no clube a menos de um ano. Separando a amostragem por categoria (sub-15 e sub-14), pode-se observar que dos 12 atletas da categoria sub-15, 42% eram atletas com mais de um ano de clube e 58% eram atletas com menos de um ano. Referente a categoria sub-14, dos 15 atletas participantes, 60% eram atletas com mais de um ano de clube e 40% eram atletas com menos de 1 ano de clube. Para atender os objetivos do estudo, apenas os atletas que participaram de todo o campeonato (titulares e reservas) fizeram parte da amostra.

Instrumentos

Foram utilizados dois instrumentos, sendo o primeiro um questionário sociodemográfico, com questões pertinentes a idade, sexo, clube e outras informações necessárias para categorização da amostra. O segundo instrumento utilizado foi o CSAI-2r¹¹, versão traduzida e validada para o contexto brasileiro²¹, com 16 itens.

Os 16 itens (questões) da CSAI-2r são divididos em três subescalas:

- 1) Ansiedade cognitiva, composta pelos itens: 1, 4, 6, 8, 12;
- 2) Ansiedade somática, composta pelos itens: 2, 5, 9, 11, 13 e 15;
- 3) Autoconfiança, composta pelos itens: 3, 7, 10, 14 e 16.

As subescalas são distribuídas em três dimensões: intensidade, frequência e direção¹³. Como a literatura cita que é possível compreender os níveis de ansiedade pré-competitiva com a avaliação de uma das três dimensões^{10,16,26}, optou-se, no presente estudo, em avaliar a dimensão intensidade.

Retornando as questões do CSAI-2r, como se adotou a dimensão intensidade, as questões foram respondidas seguindo os conceitos de uma escala do tipo Likert de quatro pontos que variam de 1 (nada) a 4 (muito). Nesse instrumento, na dimensão intensidade, para se obter o escore de cada subescala (ansiedade somática, ansiedade cognitiva e autoconfiança), soma-se as respostas das questões de cada subescala, dividindo o total da soma pelo respectivo número de questões, resultando em um valor da subescala que pode variar de 1 a 4.

Como o CSAI-2r é um instrumento psicométrico, houve a necessidade de avaliar a consistência interna das subescalas do instrumento. O alfa de Cronbach para as subescalas do CSAI-2r variou de $\alpha = 0,787$ a $\alpha = 0,869$, o que é considerado como forte consistência interna dos itens³⁹⁻⁴¹.

Procedimentos

A presente pesquisa obteve aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa do Hospital e Centro de Reabilitação da AACD (parecer: 1.541.273). Como todos os atletas eram menores de idade, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi assinado pelo seu responsável legal e o menor assinou o Termo de Assentimento. Com a devida autorização, contactou-se os dirigentes do clube e a comissão técnica das equipes para autorização da coleta com os atletas. Com a apropriada autorização dos dirigentes do clube e comissão técnica das equipes, os atletas foram informados do propósito da pesquisa.

Visando os objetivos do estudo, adotou-se procedimentos metodológicos que garantissem a confiabilidade dos dados. Dessa forma, os atletas responderam individualmente os questionários, sempre na presença de um pesquisador, assegurando que os atletas não compartilhassem as informações. Os atletas preencheram os questionários em aproximadamente dez minutos. Os questionários (sociodemográfico e CSAI-2r) foram preenchidos entre 1h30 e 45 minutos antes do início dos jogos, garantido que os questionários fossem respondidos na circunstância de pré-competição. O questionário sociodemográfico, foi respondido somente no início da competição, e o CSA-2r em todos os jogos coletados.

Foram utilizados seis jogos do campeonato selecionado para acompanhamento dos atletas, sendo que o primeiro jogo foi a estreia dos atletas no campeonato e o sexto jogo foi a final do campeonato. O campeonato ocorreu antes da pandemia de Covid-19. Ao final de todas as coletas, as informações foram digitadas em uma planilha eletrônica (Excel, versão 2019) e, posteriormente, analisadas no *IBM SPSS Statistics*, versão 22.

Cabe explicar que o campeonato foi delineado com o formato de competição por fases. Na primeira fase, denominada de “as classificatórias”, as equipes jogaram e somaram pontos no decorrer dos jogos. Ao final desta fase, as oito equipes que mais pontuaram, avançaram para fase final, denominada de “as finais”. As quatro equipes com maior pontuação disputaram “as finais série ouro”, e as outras quatro equipes disputaram “as finais série prata”. Considerando as finais da série prata, haja vista que as duas equipes alcançaram essas finais (concluíram as classificatórias em quinto lugar), o quinto colocado jogou com o oitavo colocado, e o sexto

colocado jogou com o sétimo colocado.

Desses confrontos, os ganhadores jogaram a final da série. Nesse caso, as duas equipes avaliadas venceram o primeiro confronto e avançaram para final da série prata, perdendo esse último jogo e concluindo o campeonato na segunda colocação da série prata (sub-14 e sub-15), como pode-se observar na tabela 1, que demonstra o desempenho das equipes durante a competição.

Tabela 1 – Desempenho das equipes durante a competição.

		Jogos	Vitórias	Derrotas	Jogos avaliados	Desempenho	Classificação Final
Sub-14	Classificatórias	28	21	7	5	75%	5o lugar
	Finais	2	1	1	1	50%	2o lugar série prata
	Total	30	22	8	6	<i>Desempenho final</i>	73,33%
Sub-15	Classificatórias	32	21	11	5	65,62%	5o lugar
	Finais	2	1	1	1	50%	2o lugar série prata
	Total	34	22	12	6	<i>Desempenho final</i>	64,71%

Fonte: os autores.

Análise Estatística

Assumindo os apontamentos do teorema do limite central, estudos com $n > 30$ podem assumir a normalidade das médias amostrais sem a necessidade de testes de normalidade⁴²⁻⁴⁴ e, assim, seguir com análises paramétricas. Dessa forma, no presente estudo, como o n era menor que 30, testou-se a normalidade dos dados, para cada jogo, com o uso do teste Shapiro-Wilk (S-W). Os resultados do teste S-W indicaram que não houve distribuição normal para duas variáveis (ansiedade somática e autoconfiança), nos seis jogos avaliados ($p < 0,05$). O teste S-W também apresentou não normalidade para ansiedade cognitiva em dois jogos avaliados ($p < 0,05$). Assim, optou-se por testes não paramétricos, utilizando-se das medianas (Md) para analisar as variáveis do estudo, e dos quartis (Q1; Q3) para apresentação dos dados.

Para avaliar a similaridade das equipes e, assim, apresentar fundamentação estatística para juntá-las nas análises, assumindo o objetivo e os critérios de seleção da amostra, optou-se, primeiramente, por uma análise entre grupos (sub-14 x sub-15), utilizando o teste U de Mann Whitney. Para comparar os níveis de ansiedade ao longo do campeonato (6 jogos), assumindo as equipes como um único grupo, após os resultados do teste U de Mann Whitney, adotou-se o teste de Friedman. Concernente a localização das diferenças, utilizou-se o *post hoc* de Wilcoxon. No *post hoc* assumiu-se o sequencial Holm de Bonferroni⁴² para controle do erro do tipo 1. Adotou-se, em todas as análises, a significância de $p < 0,05$, com exceção do *post hoc* de Wilcoxon, que utilizou o nível de significância calculado pelo sequencial Holm de Bonferroni.

Resultados

De acordo com a tabela 2, pode-se dizer que os atletas do sub-15 apresentaram escores superiores na subescala autoconfiança para maioria dos jogos coletados, além de apresentaram escores menores para ansiedade somática e ansiedade cognitiva em quase todos os jogos, quando comparados aos atletas do sub-14. Essas análises descritivas não foram confirmadas pelas análises inferenciais, pois o teste U de Mann Whitney não apresentou diferença significativa para nenhuma subescala, em nenhum dos jogos avaliados. Assim, os resultados obtidos nas comparações entre as equipes (sub-14 x sub-15), demonstraram que as duas equipes apresentaram escores similares em todas as subescalas e em todos os jogos, o que permitiu, com fundamentação estatística, juntar as equipes para as análises de variabilidade dos níveis de ansiedade pré-competitiva durante a competição.

Tabela 2 – Comparação entre grupos para cada jogo (N=27).

		Ansiedade Somática	Ansiedade Cognitiva	Autoconfiança
		Md (Q1; Q3)	Md (Q1; Q3)	Md (Q1; Q3)
Jogo 1	Sub-14	2,16 (1,66; 2,33)	2,64 (2,00; 3,00)	3,17 (2,80; 3,80)
	Sub-15	1,75 (1,50; 2,30)	2,40 (1,65; 3,10)	3,60 (3,25; 4,00)
U de Mann	Z	-1,055	-0,931	-1,723
Whitney	p	0,300	0,373	0,093
Jogo 2	Sub-14	1,66 (1,33; 2,00)	2,20 (1,80; 3,00)	3,40 (3,00; 3,60)
	Sub-15	1,42 (1,05; 2,37)	1,90 (1,25; 2,70)	3,40 (2,85; 3,75)
U de Mann	Z	-0,664	-1,078	-0,025
Whitney	p	0,516	0,300	0,981
Jogo 3	Sub-14	1,33 (1,00; 1,50)	2,00 (1,20; 2,20)	3,80 (2,60; 4,00)
	Sub-15	1,25 (1,05; 1,83)	1,60 (1,20; 2,15)	3,30 (2,85; 4,00)
U de Mann	Z	-0,273	-0,860	-0,074
Whitney	p	-0,792	0,399	0,943
Jogo 4	Sub-14	1,62 (1,00; 2,00)	2,11 (1,80; 2,80)	3,40 (3,20; 4,00)
	Sub-15	1,16 (1,00; 2,25)	1,90 (1,25; 2,30)	3,51 (3,05; 4,00)
U de Mann	Z	-0,668	-0,711	-0,248
Whitney	p	0,516	0,486	0,829
Jogo 5	Sub-14	1,33 (1,00; 2,00)	2,20 (1,40; 2,40)	3,20 (2,60; 3,80)
	Sub-15	1,38 (1,04; 1,75)	2,20 (1,25; 2,90)	3,50 (3,00; 4,00)
U de Mann	Z	-0,025	-0,762	-0,764
Whitney	p	0,981	0,456	0,456
Jogo 6	Sub-14	1,50 (1,33; 1,83)	2,00 (1,60; 2,60)	3,00 (2,80; 3,40)
	Sub-15	1,33 (1,00; 1,50)	1,70 (1,25; 2,15)	3,50 (2,81; 4,00)
U de Mann	Z	-1,256	-0,661	-1,380
Whitney	p	0,217	0,516	0,183

Fonte: os autores.

Dessa forma, na análise de variabilidade dos níveis de ansiedade pré-competitiva, durante a competição, pode-se observar na tabela 3 que a subescala autoconfiança apresentou escores elevados em todos os jogos avaliados (6 jogos), além da subescala ansiedade somática

apresentar os menores escores em todos os jogos avaliados. Tais apontamentos foram confirmados pelas análises inferenciais, pois o teste de Friedman demonstrou diferença significativa entre as subescalas para todos os jogos coletados ($p < 0,05$).

Para localizar as diferenças entre as subescalas, utilizou-se o *post hoc* de Wilcoxon, com o p ajustado com o sequencial Holm de Bonferroni ($p < 0,016$). O *post hoc* confirmou a análise descritiva, demonstrando que em todos os jogos coletados (6 jogos), a subescala autoconfiança apresentou escores significativamente superiores aos escores de ansiedade cognitiva e ansiedade somática, e a ansiedade somática apresentou os menores escores da amostra (diferença significativa) em todos os jogos coletados.

Tabela 3 – Comparação das subescalas entre jogos ($n=27$).

	Ansiedade Somática	Ansiedade Cognitiva	Autoconfiança	Friedman	
	Md (Q1; Q3)	Md (Q1; Q3)	Md (Q1; Q3)	χ^2	p
Jogo 1	2,00 (1,50; 2,33)	2,40 (1,80; 3,00)	3,40 (3,00; 3,80)	41,129	0,000*
Jogo 2	1,66 (1,33; 2,00)	2,20 (1,60; 2,80)	3,40 (3,00; 3,60)	35,383	0,000*
Jogo 3	1,33 (1,00; 1,50)	2,00 (1,20; 2,20)	3,40 (2,80; 4,00)	42,712	0,000*
Jogo 4	1,50 (1,00; 2,00)	2,00 (1,40; 2,60)	3,40 (3,20; 4,00)	35,280	0,000*
Jogo 5	1,33 (1,00; 1,83)	2,20 (1,40; 2,60)	3,40 (3,00; 4,00)	47,709	0,000*
Jogo 6	1,33 (1,00; 1,66)	1,90 (1,40; 2,40)	3,20 (2,80; 3,60)	39,941	0,000*
Friedman χ^2	26,287	6,932	4,827		
p	0,000*	0,226	0,437		

Fonte: os autores. *diferença significativa.

Agora, avaliando a variabilidade dos escores das subescalas durante o campeonato, pode-se observar que as subescalas autoconfiança apresentaram regularidade nos escores, mas as subescalas ansiedade somática e ansiedade cognitiva diminuíram os escores no decorrer do campeonato. O teste de Friedman confirmou parcialmente as análises descritivas, pois apresentou diferença significativa apenas para uma das subescalas no decorrer do campeonato, a subescala ansiedade somática ($p < 0,05$). O *post hoc* de Wilcoxon demonstrou que a diferença no decorrer do campeonato, para ansiedade somática, estava entre o jogo 1 e os jogos 3, 4, 5 e 6 ($p < 0,003$, valor ajustado), com o jogo 1 apresentando o maior escore frente aos demais jogos.

Os resultados do presente estudo, em síntese, demonstraram que as duas categorias avaliadas não apresentaram diferenças para nenhuma subescala e jogos avaliados. Além disso, em todos os jogos coletados, os atletas apresentaram elevados escores de autoconfiança e baixos escores de ansiedade somática ($p < 0,05$). Durante o campeonato, os atletas, também, apresentaram diminuição dos escores de ansiedade somática ($p < 0,05$). Os resultados demonstraram, além do citado, que os atletas avaliados apresentaram elevados escores de autoconfiança e baixos escores de ansiedade somática e cognitiva ($p < 0,05$), sendo a somática a

que apresentou menor escore no decorrer do campeonato ($p<0,05$).

Discussão

O presente estudo teve o objetivo de avaliar a variabilidade dos níveis de ansiedade pré-competitiva de atletas de Basquetebol ao longo de uma competição, utilizando-se de um estudo de caso, avaliando os atletas das categorias de base de um clube. Assim, a discussão dos resultados do presente estudo não objetivam a generalização dos resultados, mas a maior compreensão da variabilidade dos níveis de ansiedade dos atletas selecionados durante a competição.

Os resultados do presente estudo demonstraram que a subescala autoconfiança apresentou os maiores escores em todos os jogos avaliados ($p<0,05$), além da subescala ansiedade somática apresentar os menores escores em todos os jogos ($p<0,05$) e, durante a competição, apresentar diminuição nos escores ($p<0,05$). Os elevados escores de autoconfiança, e os baixos escores de ansiedade (somática e cognitiva), encontrados no presente estudo, corroboram a teoria multidimensional da ansiedade⁸, e os achados de outros estudos^{10,20,24,25,31,34,45}. De acordo com a teoria multidimensional da ansiedade⁸, a autoconfiança é um fator que regula a ansiedade, contribuindo para o rendimento esportivo, ou seja, quando apresenta um elevado nível de autoconfiança, apresenta baixos níveis de ansiedade (cognitiva e/ou somática), e isso pode auxiliar no rendimento esportivo.

Autoconfiança está relacionada a pensamentos positivos, expectativas positivas que o atleta tem de suas habilidades para alcançar o sucesso no esporte¹. Dessa forma, Leite et al.⁴⁶ apontam que quanto maior forem os escores de autoconfiança, maior será a probabilidade da pessoa interpretar a competição como algo desafiador, não como algo ameaçador, o que pode ser benéfico para o desempenho, o que é corroborado por outros estudos^{12,20,24}, pela teoria multidimensional da ansiedade⁸, e pelos resultados do presente estudo, que demonstraram bom desempenho das equipes, pois as duas equipes terminaram a competição em segundo lugar na série prata.

Considerando o fator tempo de clube, era esperado que os atletas que tivessem menos tempo de equipe apresentassem escores superiores para ansiedade (somática e/ou cognitiva), pois a literatura cita que atletas com mais tempo de equipe demonstram mais autoconfiança e, consequentemente, menores escores de ansiedade^{47,48}. Todavia, esses apontamentos da literatura não foram encontrados no presente estudo, haja vista não termos encontrado diferenças significantes entre as equipes (o sub-15 tinha 58% da equipe formada por novos

atletas).

A ausência de diferença entre as equipes pode ser explicada com o uso de outro referencial teórico. Trevelin e Alves⁴⁹ citam que a origem mais comum da ansiedade está atrelada aos aspectos ligados diretamente a pressões externas e cobranças do próprio atleta em relação ao seu desempenho em competição. Dessa forma, pode-se dizer que os atletas do sub-15 não apresentaram elevados escores de ansiedade, pois não se cobraram ao ponto de que isso comprometesse os níveis de ansiedade, contribuindo para os elevados níveis de autoconfiança.

Além do apresentado sobre a origem mais comum da ansiedade, Fernandes et al.⁴⁷ citam que a experiência competitiva é relevante para o controle da ansiedade. Nesse caso, como os atletas novatos já haviam competido em outras competições, mesmo que isso tenha ocorrido em outros clubes e categorias, podem ter apresentado a influência da experiência, ou seja, a experiência em outras competições foi relevante para o controle da ansiedade. Somado a isso, como o sub-15 conquistou inúmeras vitórias no decorrer da competição, a autoconfiança pode ter sofrido influência desses resultados positivos (64,71% de aproveitamento final), o que é corroborado pela literatura^{10,20,47}.

Tratando-se da experiência competitiva e da influência das vitórias nos níveis de autoconfiança, é oportuno citar que o sub-15 apresentou desempenho inicial inferior ao sub-14, perdendo mais jogos nas classificatórias, mas que no final da competição as duas equipes se equipararam, haja vista ambas terem concluído as classificatórias na mesma colocação (quinto lugar), assim como ambas terem alcançado as finais e concluído a competição na mesma colocação, segundo lugar na série prata (Tabela 1). Esses achados demonstram que as duas equipes podem ter sofrido influência da percepção de competência competitiva (vitórias), o que contribuiu para os elevados escores de autoconfiança e baixos escores de ansiedade^{10,20,24,47,50}. Dessa forma, pode-se considerar que os elevados escores de autoconfiança, auxiliaram os atletas a enfrentarem as situações comuns de uma competição, como pressão, incerteza, medo, ansiedade etc., de forma satisfatória^{24,50}. Tais apontamentos e achados sugerem que a autoconfiança atuou como uma estratégia de coping^{51,52}.

Outro fator que pode ter contribuído com os elevados escores de autoconfiança e os baixos escores de ansiedade (cognitiva e somática) no decorrer da competição, diz respeito ao trabalho dos treinadores junto aos atletas. Nesse quesito, cabe apontar que a diretoria das categorias de base elaborou uma “conduta de treinamento” (filosofia de trabalho) que todos os técnicos deveriam seguir, independentemente da categoria. Nessa “conduta de treinamento”, os técnicos eram orientados a seguirem alguns padrões de linguagem, de periodização de treino,

mantendo o clima motivacional elevado, focando nos aspectos positivos que os atletas apresentavam durante os treinos e jogos, mesmo quando a equipe não era bem sucedida nos jogos^{53,54}.

Em outras palavras, os resultados sugerem que a filosofia de trabalho tenha sido adequada, pois os atletas apresentaram baixos escores de ansiedade (cognitiva e somática) e elevados níveis de autoconfiança, além de concluírem a competição em segundo lugar na série prata (sub-14 e sub-15). Tais apontamentos elucidam a proposição de que técnicos que conferem um ambiente de treinamento mais positivo, apresentam maior êxito em conduzir os atletas a focarem nos aspectos positivos dos jogos, mesmo quando não conquistam a vitória, o que é favorável para o desempenho atlético e controle dos aspectos psicológicos que podem influenciar, negativamente, o rendimento esportivo, como a ansiedade^{54,55}. Entretanto, cabe apontar que a influência do treinador não foi objetivo do presente estudo, sendo apontada como possível explicação dos resultados.

Finalizando, o presente estudo apresenta algumas limitações, que devem ser apontadas, como a não comparação dos achados com outras variáveis (estilo de liderança, modelos de treinamento, coesão do grupo, motivação do grupo, contexto socioeconômico e familiar dos atletas, entre outros), bem como a limitação da generalização dos achados. Assim, os resultados do presente estudo, enquanto efeito de generalização, não podem ser utilizados, pois eles representam as características da população investigada. Entretanto, não podemos esquecer que o presente estudo é um estudo de caso e, por isso, não teve o objetivo de apresentar resultados que tenham efeito de generalização.

Conclusão

Os resultados do presente estudo, assumindo um estudo de caso, demonstraram que as duas categorias avaliadas não apresentaram diferenças para nenhuma subescala e jogos avaliados. Durante toda competição os atletas investigados apresentaram elevados níveis de autoconfiança e baixos níveis de ansiedade (somática e cognitiva) ($p < 0,05$), com os menores escores para ansiedade somática, corroborando os postulados pela teoria multidimensional da ansiedade⁸.

Além disso, os resultados demonstraram que no decorrer da competição os atletas conseguiram, também, diminuir os níveis de ansiedade somática ($p < 0,05$), mas não apresentaram diferenças significantes para autoconfiança e ansiedade cognitiva ($p > 0,05$). Esses achados sugerem que os atletas investigados apresentaram variabilidade, durante a competição,

apenas para ansiedade somática ($p < 0,05$), haja vista que a ansiedade cognitiva e a autoconfiança não apresentaram variabilidade durante a competição ($p > 0,05$).

Diante do apresentado, espera-se que os estudos futuros objetivem comparar os níveis de ansiedade dos atletas de outras modalidades esportivas, que façam estudos com amostras de outras entidades esportivas, que utilizem atletas de ambos os sexos e que comparem os resultados de ansiedade com outras variáveis, como o estilo de liderança, os modelos de treinamento, a coesão do grupo e a motivação do grupo, por exemplo.

Referências

1. Weinberg RS, Gould D. Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício. 6th ed. Porto Alegre: ArtMed; 2017.
2. Schmidt RA, Wrisberg CA. Aprendizagem e Performance Motora: Uma abordagem da aprendizagem baseada na situação. 4th ed. Porto Alegre: ArtMed; 2010.
3. Samulski DM. Psicologia do Esporte: conceitos e novas perspectivas. 2nd ed. Barueri: Manole; 2009.
4. Fernandes MG, Nunes SAN, Vasconcelos-Raposo J, Fernandes HM. Factors influencing competitive anxiety in Brazilian athletes. *Brazilian J Kinanthropometry Hum Perform*. 2013;15(6):705–15.
5. Biaggio AMB, Natalício L. Manual para o Inventário de Ansiedade Traço-Estado (IDATE). Rio de Janeiro: Centro Editor de Psicologia Aplicada-CEPA; 1978.
6. Spielberger CD. Anxiety: current trends in theory and research. 1st ed. New York: Academic Press; 1972.
7. Spielberger CD. Theory and research on anxiety. In: Spielberger CD, editor. Anxiety and behavior. New York: Academic Press; 1966. p. 1–17.
8. Martens R, Burton D, Vealey RS, Bump LA, Smith DE. Development and validation of the Competitive State Anxiety Inventory-2. In: Martens R, Vealey RS, Burton D, editors. Competitive anxiety in sport. Champaign: Human Kinetics; 1990. p. 117–232.
9. Spielberger CD, Gorsuch RL, Lushene RE. Manual for the State-Trait Anxiety Inventory. Palo Alto: Consulting Psychologists Press; 1970.
10. Santana BA, Souza H dos S de, Sousa BMG, Alvarenga DVA, Garcia RL da S, Tertuliano IW. Níveis de ansiedade de atletas no início e no final de um campeonato de basquetebol. *Conex Educ Física, Esporte e Saúde*. 2020;18(e020004):1–18.
11. Cox RH, Martens MP, Russell WD. Measuring Anxiety in Athletics: The Revised Competitive State Anxiety Inventory-2. *J Sport Exerc Psychol*. 2003;25(4):519–33.
12. Paludo AC, Nunes SAN, Simões AC, Fernandes MG. Relação entre ansiedade competitiva, autoconfiança e desempenho esportivo: uma revisão ampla da literatura. *Psicol Argumento*. 2016;34(85):156–69.
13. Hagan JE, Pollmann D, Schack T. Interaction between gender and skill on competitive state anxiety using the time-to-event paradigm: What roles do intensity, direction, and frequency dimensions play? *Front Psychol*. 2017;8:1–13.
14. Jones G, Swain A. Intensity and direction dimensions of competitive state anxiety and relationships with competitiveness. *Percept Mot Skills*. 1992;74(2):467–72.
15. Swain ABJ, Jones G. Intensity and frequency dimensions of competitive state anxiety. *J Sport Sci*. 1993;11(6):533–42.
16. Fernandes MG, Vasconcelos-Raposo J, Fernandes HM. Propriedades

Psicométricas do CSAI-2 em Atletas Brasileiros. *Psicol Reflexão e Crítica*. 2012;25(4):679–87.

17. Milavić B, Jurko D, Grgantov Z. Relations of competitive state anxiety and efficacy of young volleyball players. *Coll Antropol*. 2013;37(2):83–92.

18. Teixeira KC, Nunes CHS da S, Cruz RM. Estudos psicométricos de instrumentos de ansiedade no contexto esportivo: uma revisão sistemática. *Rev Avaliação Psicológica*. 2016;15(3):362–70.

19. Paes MJ, Machado TA, Berbetz SR, Stefanello JMF. Frequência, intensidade e direção da ansiedade e sua relação com a coesão grupal em uma equipe de voleibol infanto-juvenil masculina. *Rev Bras Psicol do Esporte*. 2016;6(3):46–56.

20. Nascimento Junior JRA, Balbim GM, Vissoci JRN, Moreira CR, Passos PCB, Vieira LF. Análise das relações entre ansiedade estado e coesão de atletas de handebol. *Rev Psicol Teor e Prática*. 2016;18(2):89–102.

21. Fernandes MG, Nunes SA, Raposo JV, Fernandes HM, Brustad R. The CSAI-2: An Examination of the Instrument's Factorial Validity and Reliability of the Intensity, Direction and Frequency Dimensions with Brazilian Athletes. *J Appl Sport Psychol*. 2013;25(4):377–91.

22. Igeski BCBC, Oliveira Junior RC de, Skavinki MA, Cavalheiro FS, Ribas MR, Bassan JC. Variações das dimensões da ansiedade durante competição nacional de Futebol na categoria Sub17. *Rev Bras Futsal e Futeb*. 2018;10(38):341–6.

23. Arruda AFS, Aoki MS, Paludo AC, Moreira A. Salivary steroid response and competitive anxiety in elite basketball players: Effect of opponent level. *Physiol Behav*. 2017;177(1):291–6.

24. Pons J, Viladrich C, Ramis Y, Polman R. The Mediating Role of Coping between Competitive Anxiety and Sport Commitment in Adolescent Athletes. *Span J Psychol*. 2018;21:E7.

25. Fortes LS, Costa BDV, Paes PP, Nascimento Júnior JRA, Fiorese L, Ferreira MEC. Influence of Competitive-Anxiety on Heart Rate Variability in Swimmers. *J Sport Sci Med*. 2017;16(4):498–504.

26. Tertuliano IW, Buzeto FK, Oliveira V de, Machado AA, Montiel JM. Os efeitos da idade e do sexo no nível de ansiedade de nadadores de águas abertas. *Conex Educ Física, Esporte e Saúde*. 2019;17(e019021):1–19.

27. Machado T do A, Paes MJ, Alquiére SM, Osiecki ACV, Lirani L da S, Stefanello JMF. Ansiedade estado pré-competitiva em atletas de voleibol infanto-juvenis. *Rev Bras Educ Física e Esporte*. 2016;30(4):1061–7.

28. Abellini HG, Moura F, Miguel H, Campos MVA. Análise dos Níveis de Ansiedade Pré-Competitivo no Futsal nas Categorias Sub -17 do Município de São Jose do Rio Pardo – SP. *Rev Científica Multidiscip Núcleo do Conhecimento*. 2017;01(2):359–71.

29. Corrêa WH. Basquete sobre rodas: análise da ansiedade pré-competitiva. *Rev da Sobama*. 2016;17(2):31–6.

30. Bernardt AM, Sehnem SB. Ansiedade Pré-Competitiva e autoconfiança em modalidade de esporte coletivo. *Pesqui em Psicol An eletrônicos*. 2017;37–44.

31. Freire GLM, Costa NLG, Xavier SE da S, Moreira JAGLF, Ribeiro LC, Granja CTL, et al. Comparação da ansiedade pré-competitiva entre atletas de lutas e handebol. *Res Soc Dev*. 2020;9(9):e447997523.

32. Freire GLM, Ferraz JC, Lima-Junior D de, Granja CTL, Oliveira DV de, Nascimento Junior JRA do. Ansiedade em atletas de Jiu-Jitsu: diferenças de acordo com idade e nível competitivo. *Res Soc Dev*. 2020;9(8):e743986488.

33. Alejo AA, Aidar FJ, Matos DG de, Santos MD dos, Silva D dos S, Souza RF de, et al. Does pre-competitive anxiety interfere in the performance of boxing athletes in brazil? A pilot study. *Rev Bras Med do Esporte*. 2020;26(2):139–42.

34. Santos Í dos, Maciel VM, Oliveira V de, Tertuliano IW. Ansiedade pré-competitiva em atletas de diferentes esportes: um estudo de revisão. *Rev Mundi Saúde e Biológicas*. 2019;4(2):1–26.
35. Mabweazara SZ, Leach L, Andrews BS. Predicting swimming performance using state anxiety. *South African J Psychol*. 2016;47(1):110–20.
36. Martens R, Burton D, Rivkin F, Simon J. Reliability and validity of the Competitive State Anxiety Inventory (CSAI). In: Nadeau CH, Halliwell WC, Newell KM, Roberts GC, editors. *Psychology of motor behavior and sport* - 1979. Champaign: Human Kinetics Publishers; 1980. p. 91–9.
37. Thomas JR, Nelson JK, Silverman SJ. *Métodos de pesquisa em atividade física*. 6th ed. Porto Alegre: ArtMed; 2012.
38. Yin RK. *Case Study Research: Design and Methods*. 5th ed. Thousand Oaks, CA: Sage; 2013.
39. Hopkins WG. A scale of magnitudes for effect statistics [Internet]. Internet Society of Sport Science. A New View of Statistics. 2002 [cited 2017 Sep 12]. Available from: <http://www.sportsci.org/resource/stats/index.html>
40. Field A. *Descobrimos a estatística usando o SPSS*. São Paulo: Bookman; 2009.
41. Cronbach LJ. Coefficient alpha and the internal structure of tests. *Psychometrika*. 1951;16(3):297–334.
42. Green SB, Salkind NJ, Akey TM. *Using SPSS for windows: analyzing and understanding data*. 2nd ed. New Jersey: Prentice Hall; 2000.
43. Pagano M, Gauvreau K. *Princípios de Bioestatística*. 2nd ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning; 2004.
44. Triola MF. *Introdução à Estatística*. 12th ed. Rio de Janeiro: LTC; 2017.
45. Venditti Júnior R, Alves RD, Tertuliano IW, Oliveira V de, Isler GL. Estresse e ansiedade em atletas universitários de handebol. *Cad Educ Física e Esporte*. 2019;17(2):83–92.
46. Leite GSF, Mello MT de, Dáttilo M, Antunes HK. Influência do estresse em eventos competitivos relacionados à dança. *Lect Educ Física y Deport*. 2011;15(153):1–9.
47. Fernandes MG, Nunes SAN, Vasconcelos-Raposo J, Fernandes HM. Efeitos da experiência nas dimensões de intensidade, direção e frequência da ansiedade e autoconfiança competitiva: Um estudo em atletas de desportos individuais e coletivos. *Motricidade*. 2014;10(2):81–9.
48. Silva MMF, Vidual MBP, Oliveira RA, Yoshida HM, Borin JP, Fernandes PT. Ansiedade e desempenho de jogadoras de Voleibol em partidas realizadas dentro e fora de casa. *Rev da Educ Física da UEM*. 2014;25(4):585–96.
49. Trevelin F, Alves CF. Psicologia do esporte: revisão de literatura sobre as relações entre emoções e o desempenho do atleta. *Psicol Rev*. 2018;27(especial):545–62.
50. Rice SM, Gwyther K, Santesteban-Echarri O, Baron D, Gorczynski P, Gouttebarger V, et al. Determinants of anxiety in elite athletes: a systematic review and meta-analysis. *Br J Sports Med*. 2019;53(11):722–30.
51. Belem IC, Caruzzo NM, Nascimento Junior JRA, Vieira JLL, Vieira LF. Impact of coping strategies on resilience of elite beach volleyball athletes. *Rev Bras Cineantropometria e Desempenho Hum*. 2014;16(4):447–55.
52. White RL, Bennie A. Resilience in youth sport: A qualitative investigation of gymnastics coach and athlete perceptions. *Int J Sport Sci Coach*. 2015;10(2–3):379–93.
53. Ferreira ACP, Souza RF de. Revisão sistemática de literatura sobre a questão motivacional no esporte. *Rev Fsa*. 2019;16(2):256–71.
54. Gómez-López M, Borrego CC, da Silva CM, Granero-Gallegos A, González-Hernández J. Effects of motivational climate on fear of failure and anxiety in teen handball players. *Int J Environ Res Public Health*. 2020;17(2):592.

55. Nascimento Junior JRA, Vieira LF. Liderança do técnico e coesão de grupo: um estudo com equipes profissionais de futsal. Rev Bras ciência e Mov. 2012;20(2):84–90.